

PAISAGEM DA CIDADE DO RECIFE: UMA ANÁLISE PAISAGÍSTICA DOS BAIROS DO RECIFE ANTIGO, SANTO ANTÔNIO E SÃO JOSÉ¹

The landscape of the city of Recife: a landscape analysis of old Recife neighborhoods - Santo Antônio and São José

Paisaje de la ciudad del Recife: un análisis paisagístico de los barrios del Recife Antigo, Santo Antônio y São José



Anelino Francisco da SILVA – Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil. *ORCID ID:* <http://orcid.org/0000-0001-9900-3890> *CURRICULUM LATTES:* <http://lattes.cnpq.br/1121335958524063>
EMAIL: cristianoc12@hotmail.com

Carlisson OLIVEIRA – Licenciando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil. *ORCID ID:* <https://orcid.org/0000-0002-0241-0391> *CURRICULUM LATTES:* <http://lattes.cnpq.br/0797395033062552>
EMAIL: carlisson.gleidson@gmail.com

Paulo Cesar de ARAÚJO – Doutor em Geociências e Meio Ambiente pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil. *ORCID ID:* <https://orcid.org/0000-0003-3194-9879> *CURRICULUM LATTES:* <http://lattes.cnpq.br/8907561396542319>
EMAIL: pcaraujo@ufrnet.br

RESUMO

A reflexão sobre a paisagem cultural da Cidade do Recife faz emergir as historicidades, as relações entre espaços - territórios e, sociedade, pois, trata-se de formas de incorporação da paisagem cultural às práticas econômicas e políticas. Apoiamos em Dardel (2011, p. 30), quando se refere que “a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’, que une todos os elementos”. Trata-se de compreender as paisagens culturais, segundo suas representações e significações, tendo por objetivo apreender as expressões da paisagem dos bairros Recife Antigo, Santo Antônio e São José da Cidade do Recife. A metodologia está consubstanciada na observação e leitura analítica das produções que tratam da temática. Na cidade do Recife há um mosaico heterogêneo de unidades interativas no universo da paisagem, que nos expõem a uma escala de observação. Daí se pressupor que a paisagem como um todo, considerando as interações espaciais entre unidades culturais e naturais, cria-se a perspectiva de apreendê-las, enquanto expressão geográfica em múltiplas perspectivas. A cidade foi se modelando e revelando-se de estrutura e de fisionomia, implicando no surgimento de novo tipo de paisagem geográfica: a paisagem da Cidade do Recife, dos rios e das pontes, dos mocambos e dos morros e outras, tão reais, quanto imagéticas. Nessa lógica, a paisagem do Recife tem uma composição fracionada de

Histórico do artigo

Recebido: 12 fevereiro, 2019

Aceito: 08 julho, 2019

Publicado: 28 agosto, 2019

¹ Pesquisa em desenvolvimento junto a PROPESQ/Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

formas naturais e humanas que se constituem num conjunto heterogêneo rio/oceano e urbano/cultural. Daí porque o Recife, uma cidade com cenários marcantes se destaca pela característica de seu sítio. O Recife Antigo, área que corresponde aos bairros – Santo Antônio e São José “então chamada dos Navios e de Antônio Vaz” –, configurados e emoldurados pelos rios Capibaribe e Beberibe, e o Oceano Atlântico que configuram paisagens, marcadas pela dialética do meio ambiente e os construtos humanos num perceptível cenário de paisagens.

Palavras-chave: Paisagem. Recife. São José. Santo Antônio. Paisagem.

ABSTRACT

Reflecting on the cultural landscape of the city of Recife brings out its history, spaces and territories relationship and, therefore, society. These are forms of incorporating cultural landscape, economic and political practices. We support Eric Dardel (2011, p. 30), when he states that "the landscape is a set, a convergence, a lived moment, an internal connection, an 'impression' that unites all the elements." It's about understanding cultural according to their representations and significations, with the purpose of apprehending the expressions of the landscape of the districts of Recife Antigo, Santo Antônio and São José of the city of Recife. The methodology used is embodied in the observation and analytical reading of the productions that deal with the theme. In this city, the landscape there is interactive mosaic units that allow us a possibility of observation. We assume the landscape as a whole considering the spatial interactions between natural and cultural units. It gives us the prospect of apprehending them while geographic and cultural expression in their multiple perspectives. The city had been modeled and revealed its structure and physiognomy. As a result, a new type of geographical landscape has been developed with rivers and bridges, mocambos and hills. Thus, the landscape of the capital of Pernambuco is composed of natural and human forms that constitute a heterogeneous set of river/ocean and urban/cultural. In this way, Old Recife is a city with breathtaking scenery that stands out for its features. That area corresponds to - Santo Antônio and São José "neighborhoods, well known as Navios and Antonio Vaz" -. The city is crossed by Capibaribe and Beberibe rives, and by the Atlantic Ocean that configure landscapes marked by the dialectic between the environment and the human products, in a noticeable scenario.

Keywords: Landscape. Recife. São José. Santo Antônio.

RESUMEN

La reflexión sobre el paisaje cultural de la ciudad de Recife resalta las historicidades, las relaciones entre los espacios, los territorios y, por lo tanto, la sociedad, porque son formas de incorporación del paisaje cultural a las prácticas económicas y políticas. Apoyamos a Dardel (2011, p. 30), cuando afirma que "el paisaje es un conjunto, una convergencia, un momento vivido, una conexión interna, una impresión "que une a todos los elementos". Se trata de entender los paisajes culturales, de acuerdo con sus representaciones y significados, con el fin de captar las expresiones del paisaje de los barrios Recife Antigo, Santo Antônio y São José de Recife. La metodología se materializa en la observación y lectura analítica de las producciones que tratan el tema. En la ciudad de Recife hay un mosaico heterogéneo de unidades interactivas en el universo del paisaje, que nos exponen a una escala de observación. Por lo tanto, se supone que el paisaje en su conjunto, considerando las interacciones espaciales entre las unidades culturales y naturales, crea la perspectiva para comprenderlas como una expresión geográfica en múltiples perspectivas. La ciudad fue modelada y reveló su estructura y fisonomía, lo que implica el surgimiento de un nuevo tipo de paisaje geográfico: el paisaje de la ciudad de Recife, ríos y puentes, mocambos y colinas y otros, tan reales como imágenes. En esta lógica, el paisaje de Recife tiene una composición fraccionada de formas naturales y humanas que constituyen un conjunto heterogéneo de río / océano y urbano / cultural. Es por eso que Recife, una ciudad con un paisaje extraordinario, se destaca por las características de su sitio. Recife Antigo, un área que corresponde a los distritos de - Santo Antônio y São José, "luego llamados los Barcos y Antônio Vaz" -, que están configurados y enmarcados por los ríos

Capibaribe y Beberibe y el Océano Atlántico, que representan paisajes marcados por la dialéctica del medio ambiente. Y los constructos humanos en un escenario perceptible de paisajes.

Palabras-clave: Paisage. Recife. São José. Santo Antônio.

1 INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a paisagem cultural dos bairros da Cidade do Recife – Bairro do Recife, Santo Antônio e São José – faz emergir as historicidades, as relações entre espaços - territórios e, sociedade, pois, trata-se de formas de incorporação da paisagem cultural às práticas econômicas e políticas. Trata-se de compreender as paisagens culturais e naturais, segundo suas representações e significações. Nessa cidade, há um mosaico heterogêneo de unidades interativas no universo da paisagem, que nos expõem a uma escala de observação. Daí se pressupor que a paisagem como um todo, considerando as interações espaciais entre unidades culturais e naturais, cria-se a perspectiva de apreendê-las, por exemplo, enquanto expressão cultural geográfica.

Dentro da perspectiva cultural a malha urbana do Recife diagnostica referências visuais de forte identidade à cidade. Uma planície insular, que foi sendo ocupada a princípio, voluntariamente, e que passou a ser formatada, segundo “o condicionamento do crescimento demográfico e da transformação econômica, modifica-se a estrutura social que vai ganhando os característicos das existentes comunidades hiperurbanas” (MELO, 1978, p. 28).

Daí porque o Recife é uma cidade com cenários marcantes e se destaca pela característica de seu sítio, configurado e emoldurado pelos rios Capibaribe e Beberibe, e o Oceano Atlântico que ressalta a paisagem cultural e natural, marcadas de significações e os construtos humanos, num perceptível mosaico de paisagens.

2 RECIFE E SUA PAISAGEM

A cidade do Recife, enquanto produto social resulta das ações de diversos agentes (poder público e a sociedade). Esses agentes tanto produzem quanto consomem os espaços. As áreas da cidade do Recife ganham valores e significados que diferem a partir de suas condições estruturais, gerando paisagens mais complexas com aglomerados urbanos de alta e baixa renda. A configuração atual da cidade é fruto de ações que se acumularam ao longo do tempo.

“A referência à povoação do Recife tem registro no chamado Foral de Olinda, outorgado por Duarte Coelho Pereira, donatário da Capitania de Pernambuco, ao se referir ao porto da mesma [...]” (SILVA, 1984, p. 6). “A ribeira do mar até o recife dos navios, com suas praias, até o varadouro da galeota, subindo pelo rio Beberibe [...]” Esta epígrafe explicita quão era importante o principal escoadouro de produção de açúcar e madeira da rica capitania de Pernambuco. Em razão desta característica o Recife desenvolveu-se e logo “despertou as atenções de corsários, em 1561 e 1595, e da poderosa companhia das Índias Ocidentais [...]” (SILVA, 1984, p. 6).

Embora, Olinda fosse à capital da Capitania de Pernambuco, era a Vila do Recife que se desenvolvia, em vista da dinâmica do Porto, que localizado “Pelo lado Oriental He banhada pelo Oceano, e pellos lados opostos a banhão os Rios Bibiribe e Capibaribe, que a dividem em trez grandes povoações que são outros tantos bairros da Villa do Recife” (CARTA XXII, n. 1, apud FERREZ, 1984, p. 7) potencializava a área do ponto de vista estratégico-econômico.

Com a construção de instalações de embarque e desembarque surge a povoação “Porto dos Navios, como Povo dos Arrecifes, e, ainda, como Ribeira de Marinha dos Arrecifes” (SETTE, 1946 apud MELO, 1978, p.53) é como surgiu o Recife em de 1537, na principal área portuária da Capitania de Pernambuco, rica capitania do Brasil Colônia, conhecida no mundo comercial da época, graças à cultura da cana-de-açúcar e ao pau-brasil (ou pau-de-pernambuco).

Em 1630, ao ser invadido pelos holandeses sob o comando de Maurício de Nassau, ergueram trezentos edifícios, como a Casa da Câmara, a Igreja do Corpo Santo, a Cadeia e armazéns para o porto, e abriram quinze ruas e uma praça. Esse é até hoje o núcleo do que os recifenses chamam de “Recife Antigo”. Na época dos holandeses, imigrantes judeus, fugidos da perseguição na Europa, implantam no Recife a primeira comunidade judaica das Américas, e ergue a primeira sinagoga do continente (MELLO, 1996).

No século XVII, a cidade, enquanto sede da colônia de Nova Holanda, teve como administrador o conde Maurício de Nassau e após a expulsão dos neerlandeses (significa Países Baixos), feita na Insurreição Pernambucana, o Recife emerge como a cidade mais importante de Pernambuco, tendo vocação comercial influenciada principalmente pelos comerciantes portugueses, os chamados mascates. O espaço urbano da cidade de então, obedecendo às necessidades sociais, econômicas e políticas que foram se cristalizando no espaço na forma de casarios, ruas, prédios, palafitas, vai estabelecer forma à uma paisagem descontínua, fragmentada e ressignificada.

O Recife, por sua configuração geográfica, logo teve suas terras submetidas ao processo de valorização do espaço urbano. Encaixada na área do estuário e da várzea do rio Capibaribe, cuja planície flúvio-marinha se alarga em forma de anfiteatro, sendo circundada por colinas. Nesse cenário a cidade é cortada por rios Tejipió, Jordão, Jiquiá oriundos das elevações que circundam a planície e fazem crescer o labirinto fluvial ao sul. Ao norte o rio Beberibe contribui para a ampliação das várzeas e alagados. Dentro dessa característica a cidade do Recife se desenvolveu, fruto das ações humanas sobre o ambiente físico, mas a valorizando sua planície.

Alcunhas lhe foram atribuídas à capital pernambucana, e "Veneza Brasileira" é a mais conhecida. Albert Camus (romancista francês), quando esteve no Recife em 1949 comparou-a a cidade italiana, ao descrevê-la, em seu livro *Diário de Viagem*, como a "Florença dos Trópicos".

A cidade do Recife resulta do acidente geográfico, conhecido por "arrecife" cuja designação é registrada pela primeira vez no *Diário de Pero Lopes de Souza*, que denominou o seu porto natural de "Barra dos Arrecifes" (1532), e no chamado *Foral de Olinda* (1537), no qual o primeiro donatário, Duarte Coelho, nomeia-o "ribeiro do mar dos Arrecifes dos Navios". No mapa do cartógrafo João Teixeira Albernaz (1618) o local encontra-se registrado como "Lugar do Recife", menção certa aos primórdios da antiga povoação, depois chamada Vila de Santo Antônio do Recife (1709) e, finalmente, cidade do Recife (1823).

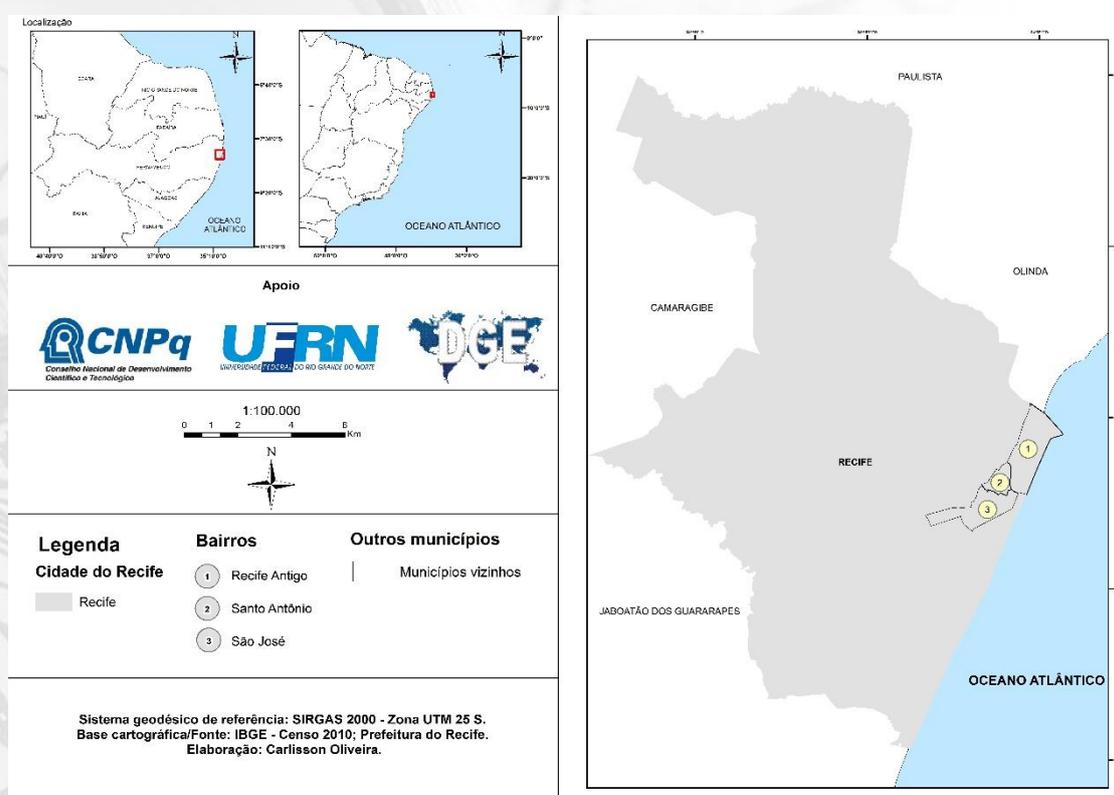
O Recife tem sua origem ligada a Olinda. No "Farol de Olinda" (Carta de Direitos Feudais), concedido por Duarte Coelho em 1537, que faz referência ao "Arrecife dos navios", um lugarejo habitado por mareantes e pescadores. O Recife permaneceu português até a independência do Brasil, com a exceção de um período de ocupação holandesa.

Anos anteriores à invasão da Companhia das Índias Ocidentais, o povoado do Recife existiu apenas em função do porto e à sombra da sede Olinda, local que a aristocracia escolheu para residir devido à sua localização elevada, que facilitava a defesa. Ergueram-se fortificações e paliçadas em defesa do povoado e do porto do Recife, todas elas voltadas para o mar. Os temores se voltavam para o oceano por conta dos constantes ataques ao litoral da América Portuguesa, pela navegação de corso e pirataria, uma vez que Pernambuco era o centro da economia colonial.

3 PAISAGEM DOS BAIRROS DO RECIFE ANTIGO, SANTO ANTÔNIO E SÃO JOSÉ

A leitura paisagística da área corresponde ao recorte – Bairro do Recife (Antigo), Santo Antônio e São José – (Figura 01). Os dois primeiros bairros citados, o mosaico paisagístico se expressa pela mancha do conjunto de prédios e sua arquitetura, dos rios e pontes e, das ruas. Enquanto o bairro de São José se concentrará no complexo de suas ruas, ocupadas, fortemente pelo comércio formal e informal das ruas e, do Mercado do mesmo nome.

Figura 01 – Localização dos bairros do Recife Antigo, São José e Santo Antônio



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Esse recorte espacial por suas características físicas nas dimensões entre o homem e o meio tem valorizado outros sentidos na apreensão das paisagens (o olfato, a audição e o tato), como pontuaram Pinchemel e Pinchemel (1992, p. 377) e Gaspar (2001, p. 85) revelando-se nas novas paisagens outras dimensões valorativas, para além da

paisagem como quadro de vida – paisagem-patrimônio, paisagem-valor de identidade, paisagem-recurso².

As características da paisagem são observáveis, descritíveis e explicativas, ainda que o ordenamento espacial do recorte expresse como a paisagem natural e cultural foram sendo elaboradas, por meio da pressão da ocupação do espaço. A paisagem sentida/vivida, ou seja, a paisagem cultural, projetada de interações homem-ambiente, se expressa numa conexão, em que são observáveis características de elementos que se produziram no espaço.

Leem-se no Bairro de Santo Antônio, quer na paisagem traçada pelo rio Capibaribe, quer nas pontes emoldurar e/ou ainda da funcionalidade e utilização à mobilidade da cidade que, objetivamente, desenham e caracterizam a paisagem do bairro. No seu interior são descritíveis marcas arquitetônicas que lhe dá identidade – o Palácio da Princesa, o Teatro Santa Isabel, a Praça da República, o Palácio da Justiça, a Casa da Cultura (antiga Cadeia Pública). Estes exemplares tipificam e representam a multiplicidade paisagística em tipos de paisagem cultural.

Essas marcas paisagísticas ou tipos de paisagens culturais permitem considerações sobre a intensidade e a condição de assimilação entre a natureza e ação antrópica, que passa a produzir paisagens multifuncionais.

3.1 Bairro do Recife Antigo e suas heranças paisagísticas

A cidade foi se modelando e se revelando de estrutura e de fisionomia, implicando no surgimento de novo tipo de paisagem geográfica: o Recife, dos rios e das pontes, dos mocambos e dos morros e outras, tão reais, quanto imagéticas. Nessa lógica, a paisagem da capital pernambucana tem uma composição fracionada de formas naturais e humanas que se constituem num conjunto heterogêneo rio/oceano e urbano/cultural.

Que modelo de paisagem inspira uma leitura, que possa significar apreensão a nível de passado e de presente? Retalhando-se o bairro, enquanto lócus de atividades das mais complexas possíveis precisamos deter-nos quer de sua origem aos tempos atuais, para expressá-la de forma real em sua concretude espacial.

Considerando a densidade do recorte espacial a paisagem pode se caracterizar como um aparato de intervenções na ordem da organização espacial, econômica e social,

² Consultar Gaspar (2001, p.83-99) em “O retorno da paisagem à Geografia”.

que expressam cenários. Nesta concepção de uma temporalidade os bairros objetos de estudo e por se tratar de região portuária, a atividade comercial se desenvolveu com certa dinâmica impulsionando o crescimento do povoado – assim Recife, fundada em 1537, se espriava pela então “Ribeira de Mar dos Arrecifes dos Navios.” (CARTA FORAL DE OLINDA, 2016).

No século XVII, com o desenvolvimento econômico da colônia, o porto prosperou favorecendo as expansões da vila que toma forma de cidade e os rios tornaram-se caminhos navegáveis para transporte dos produtos. É a partir do Século XVIII, que o desenvolvimento da cidade se apoia no comércio externo e, a urbanização portuguesa incide predominantemente sobre o antigo território holandês, caracterizada por ruas estreitas, que se abrem em pátios onde se destaca a construção religiosa. No Século XIX, a cidade já apresenta um tecido densamente urbanizado que corresponde ao atual centro histórico surgido dos aterros das áreas alagadas e mangues, a partir da ocupação holandesa.

A paisagem do bairro é uma construção no quadro natural da ação do homem que a modelou ressignificando-a. Assim, a paisagem se consolida por meio das práticas da sociedade e do resultado expresso na paisagem por meio dos edifícios históricos espriados no bairro. Exemplo a Rua do Bom Jesus, com seu casario, da época do domínio holandês, onde está localizada a sinagoga, transformada no Centro Cultural Judaico do Recife, a Torre Malakoff, que fazia parte do Arsenal da Marinha e o Teatro Apolo (1846).

Figura 02 – Rua do Bom Jesus, no Bairro do Recife



Fonte: Inaldo Menezes/Prefeitura do Recife/Divulgação.

O Bairro do Recife apresenta características da arquitetura eclética e neoclássica. Fruto de projeto desenvolvido na Europa e, por isso tem elementos da corrente de arte eclética, que consiste na sobreposição de ornamentos de diversas origens, nascido em França (explicou Freitas – Jornal do comércio/Diário de Pernambuco).

A reforma que teve início em 1909, com o objetivo de modernizar a área. “O bairro (Bairro do Recife Antigo) desempenhou um papel fundamental na história do Estado. Abrigou o primeiro porto de Pernambuco, assumindo a característica dos sobrados portugueses e foi invadido pelos holandeses”, explica Maurício Rocha.

O Recife precisava se modernizar e foi adotado o modelo europeu. “A reforma durou de 1909 a 1920 e realiza-se dentro dos princípios de diversos arquitetos daquele Continente. Além do ecletismo, a principal característica da arquitetura europeia é a convergência das ruas ao Porto, estrutura utilizada em Paris” (CREA, 2009). A figura 03 retrata o momento vivido na época.

Figura 03 – Convergências das ruas ao porto



Fonte: Ashley Melo/JC Imagem e Cleide Alves.

O Bairro do Recife (também, conhecido por Bairro do Recife Antigo) em sua paisagem urbana encontra-se prédios ecléticos (arte eclética consiste na sobreposição de ornamentos de diversas origens, nascido em França) na Praça do Marco Zero e no trecho reformado na primeira década do séc. XX, que corresponde as Avenidas Rio Branco e Marquês de Olinda existem os prédios da Associação Comercial de Pernambuco e do Antigo Santander Cultural (JORNAL DO COMERCIO, 2015).

Então a composição que forma a paisagem urbana (Figura 04) - cultural do Bairro

do Recife pode ser compreendida por sua identidade multifuncional, arquitetônica, ponto de convergência da sociedade recifense e de lazer que se expressam em sua potencialidade comercial, habitacional e pelo estilo eclético de sua arquitetura, no qual se pode constatar, exemplares como o Museu do Estado (esquina da Rui Barbosa com a rua Amélia), em que seu ecletismo está posto nos arcos góticos, no balcão românico, no torreão da fachada central, que lembra os castelos medievais (JORNAL DO COMERCIO, 2015). E outros como a Estação Central, o Gabinete Português de Leitura e o diário de Pernambuco. Há também o Museu Militar, sediado no Forte do Brum (1629), originalmente Forte do Bom Jesus.

Figura 04 – Marco zero e Associação Comercial de Pernambuco



Fonte: Carlisson Oliveira (2018).

Na apreensão da paisagem cultural do bairro há registro dos eventos de artes de rua e do carnaval, ou seja, Reinado de Momo - onde se localiza o designado “Polo do Samba” -, com apresentações de diversos estilos musicais e cantores, como um mostruário de artes populares. Além de que o território tem se transformado em uma galeria cultural

com arte, música, dança, esportes, cinema ao ar livre e várias outras atividades. O “Colorindo o Recife”, projeto que se tornou política pública de incentivo à arte urbana nos espaços públicos da cidade, traz diversas linguagens e espraia pelo Boulevard Rio Branco, Rua do Bom Jesus, Rua da Moeda, Cais do Sertão e Marco Zero e outras ruas.

No bairro do Recife (Antigo) é onde há o principal conjunto arquitetônico e cultural do município, seguidos Santo Antônio, de São José e da Boa Vista. Abrigam galerias, museus e outros espaços culturais. O conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico (do Antigo Bairro do Recife) foi tombado em 1998, e essa área abrange edificações, em inúmeras ruas e avenidas, outros espaços públicos. O Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados listou 7.258 peças de dez monumentos religiosos protegidos. Entre os bens tombados pelo Iphan, estão igrejas, palácios, fortalezas, conventos, prédios, conjuntos urbanos e outras obras que testemunham as diferentes fases e aspectos da capital pernambucana.

Nesse bairro é onde se encontra o Marco Zero da Cidade, ponto de encontro de jovens que se transforma num grande parque urbano. Nele há primeira Sinagoga das Américas, localizada na rua Bom Jesus (ver imagem), a Torre Malacoff e ruas que apropriadas pelos autores de música. E o Porto do Recife com a sua dinâmica econômica, estabelecia uma fisionomia de desenvolvimento, tornando o bairro atrativo a diversos agentes. Com a construção do Porto de Suape, entra em decadência, o que vai ser recuperado pela ação do poder público e do setor privado.

Com a sua recuperação as infraestruturas de armazéns passaram a ter reutilização e ressignificado. O espaço passou a atrair os recifenses e turistas, para usufruí-los, por exemplo, no Centro de Artesanato, nos bares e restaurantes e nas ruas - um Recife de braços abertos.

O Marco Zero é ponto da Cidade do Recife. Dele que são feitas todas as medidas oficiais de distâncias rodoviárias locais. Oficialmente, denominada de Praça Barão do Rio Branco (escultura Félix Charpeutier), localizada na Av. Alfredo Lisboa conectada às ruas Marquês de Olinda, Rio Branco e Barbosa Lima.

O norte da praça está o estuário do Rio Capibaribe. Que é protegido por um dique natural³, local em que se encontra o Parque das Esculturas com a famosa obra Coluna de Cristal⁴, inspirada em uma flor descoberta por Burle Marx e várias outras obras em cerâmica do artista Francisco Brennand. Encontra-se também o Farol do Recife.

³ Sua extensão é de 4 km de comprimento e seu início dá-se no bairro de Brasília Teimosa.

⁴ Possui 32 metros de comprimento.

É da leitura desse lócus que se permite apreender a paisagem urbana-cultural emblemática uma vez que a precisão das formas nele posto expressa o desenvolvimento urbanístico do bairro.

3.2 Bairro de Santo Antônio

Já o Bairro de Santo Antônio (antiga ilha), que no início do séc. XVII possuía uma área 6 hectares nele foi fundado um convento, em sua fase primeira. Foi denominada Ilha de Santo Antônio e/ou Ilha de Antônio Vaz, Porto dos Navios e Ilha do Governador. (IBGE, 19--).

“O conde Maurício de Nassau residiu na Ilha, sendo este o local onde iniciou a sua expansão territorial. Nassau fundou uma pequena cidade, abrangendo toda a área e, em 1643, construiu o Palácio da Boa Vista, ou Schoonzit, onde atualmente se encontra o Convento do Carmo do Recife. Em 1644, Nassau construiu uma ponte em madeira, denominada Mauritstaad, para facilitar o acesso ao Palácio e ao Porto do Recife, a Ponte atualmente é nomeada oficialmente como Ponte 6 de Março, popularmente conhecida como Ponte Velha, como visto na figura 05.

Figura 05 – Ponte 6 de Março (Ponte Velha)



Fonte: Marcelo Gomes (2017).

O Conde construiu, nos anos de 1638 e 1639, o Palácio de Friburgo, ou Palácio das Torres com duas torres. Servia então esse palácio de Casa dos Governadores, quando vinham de Olinda. (FERREZ, 1984, p. 9). Abrigou o jardimzôo-botânico de Nassau, o primeiro no Brasil, onde se localiza a Praça da República, local onde existe o Teatro Santa

Isabel; o Palácio Campo das Princesas, sede do Governo de Pernambuco; e o Palácio da Justiça.

Em 1789, através de muitos aterros, iniciou-se uma série de transformações na localidade, sendo criada a Freguesia do Santíssimo Sacramento do Santo Antônio. O bairro de Santo Antônio abriga a Capela Dourada, fundada no século XVIII; o Museu Franciscano de Arte Sacra; o Convento Franciscano de Santo Antônio; a Igreja de São Pedro dos Clérigos, fundada no princípio do século XVIII; a Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Militares; o Liceu de Artes e Ofícios; a Secretaria da Fazenda; o Arquivo Público Estadual; a Praça Joaquim Nabuco; o Gabinete Português de Leitura, fundado em 1850; a Ponte Duarte Coelho (Figura 06) e a Ponte Santa Isabel (Figura 07).

Figura 06 – Ponte Duarte Coelho



Fonte: Rafael Furtado (2019).

Figura 07 – Ponte Santa Isabel



Fonte: Lu Arembepe (2006).

No Bairro também se encontra a Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio, finalizada no século XVIII. Está localizada na Praça da Independência, considerada a de maior movimento na cidade e o coração do Bairro de Santo Antônio. (IBGE. 19--).

Enquanto, isso as localidades vizinhas como Bairro do Recife (Antigo) um ancoradouro, utilizados pelos marinheiros, carregadores, pescadores e mascates, passa a ter utilização intensiva. Nasce o Porto do Recife, junto “com a cidade do Recife, em meados do século XVI” (Id., p.?).

O ancoradouro denominado de Arrecifes dos Navios, se desenvolveu e tornou-se ponto de importação, produção e exportação de açúcar, como

também de abastecimento das principais mercadorias, proporcionando a implementação na vizinhança dos primeiros engenhos de açúcar, povoados de imigrantes europeus e as primeiras vilas dando origem ao Bairro do Recife, nascia assim o Porto do Recife, junto coma a Cidade.

São de 1815 as primeiras iniciativas para a realização de melhoramento no antigo ancoradouro do Recife. Em 1909, “a empresa Societé de Construction Du Port de Pernambuco foi autorizada a construir as novas instalações. A operação comercial ocorreu em 12 de setembro de 1918” (IBGE, 19--). Os recifenses tinham até os meados do século uma forte influência cultural francesa.

Início do século XX, o Recife era ainda uma cidade influente. Perdia em importância político-econômica só para o Rio de Janeiro. Recife viveu uma fase de acelerado progresso. A cidade começou a ampliar-se, iniciando-se, em 1907, a execução do grande e modelar plano de saneamento, concebido pelo higienista Saturnino de Brito. A construção de um novo porto provocou a demolição de um terço da parte mais antiga da cidade e no local emergiu uma “Paris dos trópicos”.

A cidade pretendia tornar-se moderna, por meio da reforma do porto e construção de largas avenidas, contudo, sem preocupação com a preservação dos edifícios históricos.

3.3 Bairro de São José⁵

Segundo Gaspar (2018) em seus primórdios, o bairro correspondia junto com Santo Antônio, ao que foi a ilha de André de Albuquerque. É um dos tradicionais bairros da Cidade do Recife, possui uma área de 178 hectares (PREFEITURA DO RECIFE, 2016).

Fora habitado por pescadores e na área existiam as famosas “Cacimbas de Ambrósio Machado”, próximo das quais os holandeses construíram, em 1630, o forte Frederico Henrique, hoje denominado Forte das Cinco Pontas. Situado na parte central e urbana da cidade (Figura 06).

Nele há o Mercado de São José, onde se adquire produtos diversos; a Casa da Cultura, antiga Casa de Detenção; a Estação Central, onde se encontra o Museu do Trem; a praça Sergio Loreto e, sua espinha dorsal, as ruas da Concórdia e Imperial (GASPAR, 2018).

⁵ Foi desmembrado da freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio, através da Lei provincial Nº 132/1844.

Figura 08 – Vista panorâmica da área central e urbana de São José



Fonte: Chivunck, in wikimapia (2010).

Esse bairro foi o “Carro-chefe dos mercados públicos do Recife, o Mercado de São José (1875) tido como uma das primeiras construções do Brasil, toda sua estrutura é feita em ferro. O projeto seguiu o modelo do famoso Mercado de Grenelle, na França.

Esse bairro já foi “habitado por comerciantes, funcionários públicos, comerciários, portuários e outros representantes da classe média do Recife”. Com o passar dos tempos “o bairro deixou de ser uma zona eminentemente residencial”. A rua das Calçadas se transformou em uma área movimentada de comércio na cidade.

O Bairro de São José é um dos principais polos de agremiações do Carnaval da cidade. Inúmeras delas carregam em seu nome referência ao bairro ou situam-se nele, tais como: Escola de Samba Estudantes de São José, bloco verdureiros de São José, Clube Pierro de São José, troça Traquinas de São José, bloco de samba Saberé, bloco Donzelos, entre outros (SILVA, 2018). Fato este que, de certa forma, coaduna com o discurso da importância do bairro como um lócus para o Carnaval da cidade. Uma das marcas do bairro

é bloco carnavalesco “O Galo da Madrugada”, que desfila, no sábado de Zé Pereira, anunciando a chegada o período de Momo.

Por esse bairro (São José) a presença das igrejas católicas têm registros, como a Basílica da Penha de França, (de 1656) construída pelos capuchinhos franceses; a de São José (de 1864), cujo padroeiro deu seu nome ao bairro; a de Nossa Senhora do Terço e a de São José de Ribamar, localizada próximo ao cais de Santa Rita.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recorte espacial – Bairro do Recife Antigo, Santo Antônio, e São José – em seu sistema de paisagem urbana, expressa peculiaridades específicas – Enquanto os bairros do Recife Antigo e Santo Antônio têm características que se assemelham do ponto de vista arquitetônico e cultural, o bairro de São José, embora seja comercial predomina ainda a função residencial e não possui atrativo turístico. Se sua leitura é feita a partir da paisagem do meio físico e/ou por meio dos elementos da paisagem fruto das práticas humanas vislumbra-se características exemplares centrais, que estão reproduzidas nestes bairros, sítio da Cidade do Recife.

A paisagem codifica a paisagem, porque são dos elementos explícitos nela que assimilamos e codificamos. Do realce às mudanças espaciais, estruturais e elucida o reproduzível. Representa a multiplicidade de paisagens culturais. É assim que dá assimilação da natureza e do quadro humano expostos nos bairros, em questão, permite-nos apreender as multifuncionalidades de paisagens velhas que foram ressignificadas.

A influência humana em compreender o ancoradouro, enquanto instrumento do meio físico e dele apropriasse pela condição de paisagem, importa e marca o ativo econômico que permitiu espraiasse pelo sítio do hoje Bairro do Recife, Santo Antônio e São José. Nos quais a análise dos objetos da paisagem, tende a representar as interrelações que se processaram no espaço, por meio da visibilidade configurada nas paisagens concebidas como de fins econômico, arquitetônico e cultural.

As reflexões dessa paisagem têm como objetos reais o espaço urbano, que apresenta forte significado no contexto da cidade do Recife. Pois, expõe conteúdo de objetos paisagísticos que se agrupa a um cenário de elementos codificados.

REFERÊNCIAS

CARTA FORAL DE OLINDA, 1537. **Carta Foral de Olinda, Outorgada por Duarte Coelho**. Outorgada por Duarte Coelho. Olinda, 1537.

CAVALCANTI, C. B. **O Recife e seus bairros**. Recife: Câmara Municipal, 1998.

CREA – Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Pernambuco. **Arquitetura do bairro do Recife é marcada pela influência européia**. Recife, 2009. Disponível em: <<http://www.crea.org.br>>. Acesso: 24 set. 2018.

FERREZ, G. **Raras e preciosas vistas e panoramas do Recife: 1755-1855**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, 1984. (Coleção Pernambucana. 2ª fase).

GASPAR, J. O Retorno da paisagem à Geografia: apontamentos místicos. **Finisterra**, v. 36, n. 72, p. 83-99, 2001.

GASPAR, L. **São José (Recife, bairro)**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>> . Acesso em: set. 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. BIBLIOTECA ESCOLAR. **Porto do Recife: 19--**. Catálogo, ID: 40568. Código de Localidade: 2611606.

JORNAL DO COMERCIO. **Arquitetura eclética nas ruas do Recife**. Recife, 2015.

MELO, M. L. de. **Metropolização e subdesenvolvimento: Caso do Recife**. Recife: Universitária, 1978.

MELLO, J. A. G. de. **Diário de Pernambuco**. Economia e Sociedade no 2º Reinado. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.

PREFEITURA DO RECIFE. **Fundação do Recife**. Carta Foral, 2016.

PINCHEMEL, P.; PINCHEMEL, G. **La face de La Terre: elements de Geographie**. 2. Ed; Paris: A. Collins, 1992.

SILVA. A. N. B., a dona do Carnaval de 1985 ela é de festa, ela é de religião! **Anais...** do Enc. Internacional e 26. Enc. de História da Anpuh: histórias e parcerias, 2018.

_____. **"Quem gosta de samba, bom pernambucano não é?" (1955-1972)**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco (Mestrado em História), 2011.

SILVA, L. D. **Apresentação**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, 1984. (Coleção Pernambucana. 2. fase).
